

A escuta na dinâmica das relações: caminho de maturidade rumo a missão na construção de uma realidade poliédrica

*Jairo de Jesus Menezes*¹

*Sergio Esteban González Martínez*²

Resumo: A dinâmica das relações se baseia na capacidade de diálogo entre pessoas, grupos e nações. O binômio que desenvolve esta atividade é o falar e o escutar. No contexto contemporâneo, essa atividade encontra-se em crise. Devido à desproporcionalidade, desenvolveu-se mais o falar que o escutar. Essa realidade social afeta a Igreja na sua atividade missionária e profética. A Campanha da Fraternidade de 2022 e o Sínodo de 2023 buscam retomar a escuta como caminho de comunhão, participação e missão, em busca da fraternidade e da paz social. Mas, são vários os desafios que se encontram no momento de anunciar o Evangelho devido à falta de compreensão da importância das implicações da arte da escuta. Por esse motivo, este trabalho desenvolve numa linha eclesial e psicanalítica, a escutatória. Por meio de estudos bibliográficos, pretende apresentar um itinerário da importância da escuta saudável e madura para construir espaços de respeito, inclusão, comunhão e participação, rumo à missão de edificar uma sociedade poliédrica.

Palavras-Chave: Escuta. Relação. Participação. Conflito. Poliedro.

INTRODUÇÃO

A escuta é o elemento essencial para dialogar e criar relação. Numa sociedade conflitiva e intolerante, a escuta torna-se um elemento precioso para a construção de uma realidade poliédrica. A Igreja está chamada, à luz da escuta da Palavra de Deus, a discernir os sinais dos tempos para edificar fraternidade e amizade social. Mas, o que significa realmente escutar? Como pode perceber-se a sua importância? Será que precisa de maturidade para essa atividade? Toda pessoa ou grupo pode escutar? Ou ainda mais, a partir da Campanha da Fraternidade de 2022 e do Sínodo de 2023, como a Igreja fomenta e educa para escutar com a finalidade de comunhão, participação e missão? Será que se pode participar rumo à missão eclesial sem fomentar capacidade de escuta? São várias as perguntas que podem colocar-se para questionar o contexto atual. Por isso, esse trabalho pretende ressaltar a importância e as implicações da atividade da escuta numa linguagem interdisciplinar.

1 Doutor em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador UCSal. Professor de Filosofia e Teologia na UCSal. Contato: jjmenezes4163@gmail.com

2 Pós-graduando Lato Sensu em Espiritualidade e Psicanálise no Centro Universitário Salesiano de São Paulo UNISAL. Graduado em Teologia pela PUC-SP. Contato: sergioestebangonza@gmail.com

1 A ESCUTA DINÂMICA NAS RELAÇÕES: UM DIÁLOGO ENTRE TEOLOGIA E PSICANÁLISE

O diálogo na atual sociedade representa todo um desafio. Cada vez mais encontram-se sujeitos que desejam ser ouvidos, mas que não demonstram condições de escuta. Tendo em conta que toda relação implica o binômio fala e escuta, pode-se argumentar que neste contexto contemporâneo se fomenta uma incapacidade de relação verdadeira e duradoura. Encontrar espaços onde o cidadão possa expressar seu pensamento e sentimento com respeito e educação é bem reduzido. Embora o contexto pandêmico tenha possibilitado a habilidade de criar engenhosamente espaços virtuais de encontros, também abriu caminho para fomentar intolerância nas relações, dando lugar a vínculos violentos e excludentes. Segundo González Martínez, a sociedade potencializou, por meio dos avanços tecnológicos e da pandemia, a capacidade de comunicação, mas esse avanço não foi acompanhado da capacidade de diálogo pessoal nem social. Por falta de preparação dialogal, o instrumento que deveria ajudar para criar espaços de relação transformou-se em ferramenta de intolerância e distanciamento (GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2021, p. 584). Sendo assim, pode-se afirmar que a comunicação dentro dessa circunstância apresenta-se frágil, vulnerável, fragmentada e superficial.

A finalidade da comunicação é criar relação e reconhecimento entre pessoas, grupos e entidades por meio da fala e da escuta. Esse binômio relacional, no contexto contemporâneo, apresenta-se desproporcional. Desenvolveu-se mais a fala que a escuta na sociedade. Segundo os pesquisadores Menezes e González Martínez, a escuta na atualidade é pouco desenvolvida, busca-se mais potencializar a oratória que a escutatória. Essa realidade, ao mesmo tempo, dificulta harmonizar a escuta com seu elemento essencial: o silêncio. Os pensadores, ao desenvolverem a escuta, afirmam duas realidades: na sociedade evita-se a experiência do silêncio e – com ela – a capacidade de ficar só (MENEZES; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, 2021, p. 176).

A falta de escuta dificulta as relações pessoais e sociais no contexto contemporâneo. Para entender a complexidade e a importância da arte da escuta, esse texto propõe uma leitura na linha psicanalítica. Segundo Zimmerman, para compreender o conceito de técnica da escuta analítica precisa-se distinguir duas palavras: ouvir – relacionado com a função fisiológica de audição – e escutar – que implica envolvimento emocional (ZIMMERMAN, 2008, p. 125). O elemento ressaltado por este pensador pode ser situado num órgão humano chamado coração. Dentro dessa linha de pensamento, destaca-se a Campanha da Fraternidade de 2022, que tem como tema: Fraternidade e Educação e como lema: Fala com sabedoria, ensina com amor (cf. Pr 31,26). O Texto-base apresenta três palavras-chave para educar na fraternidade: escutar, discernir e agir. A primeira palavra está relacionada com o coração. Segundo a Campanha da Fraternidade de 2022, a escuta integral é possível quando ao ouvido se soma o coração, “é uma escuta integral, com o ouvido e com o coração, que busca a inteireza da realidade com tudo o que ela pode trazer” (CF, 2022, n. 29).

A escuta como conceituação no campo analítico abrange dois componentes no mínimo: o da comunicação primitiva e o da escuta das narrativas do analisante. O primeiro

componente – a comunicação primitiva – enfatizam que cada vez mais os psicanalistas, valoriza a escuta do inconsciente, aquilo que o analisado traz. Essa comunicação pode encontrar-se em quatro grupos: linguagem corporal, linguagem oniróide, conduta do paciente e nos efeitos das contratransferenciais. O primeiro grupo apresenta a linguagem corporal que se refere à fala do corpo. D mesma maneira que uma mãe escuta as necessidades do seu bebê, conseguindo decodificar, através do seu corpo, a realidade do bebê: dor, sorriso de prazer, diarreia, vômitos e outros; o psicanalista consegue descobrir na escuta a linguagem corporal do paciente: gestos, atitudes, vestimenta, expressão corporal, somatizações etc. O segundo grupo revela a escuta da linguagem oniróide, por meio das imagens visuais, narrativas místicas, alucinoses, sonhos, devaneios, entre outros. O terceiro grupo realça a escuta da conduta do analisado, especificamente, a dos *actings*. O quarto e último grupo aponta a escuta dos efeitos contratransferenciais. Este elemento é muito importante para o analista, haja vista que, se souber escutar os sentimentos contratransferenciais que o analisado desperta nele, conseguirá transformá-lo em empatia (ZIMERMAN, 2008, p. 125).

O quarto ponto do primeiro componente da conceituação da escuta no campo analítico apresenta uma palavra que é necessária para apreender a escutar e que pode ser trazida no ambiente eclesiológico: a empatia. Ela é desenvolvida por meio do coração, órgão necessário para a escuta integral segundo a Campanha da Fraternidade de 2022. Escutar com empatia não condiz ao com emissão de um julgamento. Nesse sentido, pode-se enfatizar a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021, que no texto-base apresenta Jesus no Evangelho segundo João acolhendo a mulher acusada de adultério. Os homens que apontavam a mulher exigiam a aplicação da Lei mosaica. Jesus, ao aproximar-se dela, não emite nenhum julgamento pronto nem rápido. Ele se aproxima escutando com ternura e compaixão. Ele se coloca à escuta da mulher, através de seu coração movido por suas entranhas. À vista disso, pode-se perceber que a escuta do outro – aquela acolhedora no primeiro momento – que a Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2021 exorta a praticar na vida cristã, não está regida por regras nem normas morais que podem ser manipuladas pela estrutura, mas pelo amor solidário e empático nas relações. A “Lei, sempre que manipulada para a manutenção de um poder desigual, pode provocar sofrimento e morte. Já o amor nos convoca a assumirmos atitudes de compaixão, empatia e convivência” (CFE, 2021, n. 11).

As relações sociais que fomentam fraternidade e sentido de identidade com o outro encontram na empatia a sua força. Definindo este termo no ambiente analítico, pode-se designar empatia a capacidade do analista sentir em si. Segundo Sigmund Freud, no capítulo VII de *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), ao falar de *Einfühlung* – termo que parece ser a tradução mais apropriada para a palavra empatia em português – refere-se ao poder de sentir-se dentro do outro através de corretas identificações, projetivas e introjetivas. Indagando a etimologia de empatia sublinha-se que deriva do grego *em* (ou *en*) que indica: dentro de, e *páthos*, que conota: sofrimento, dor. O trabalho de Kohut deu bastante realce a esta palavra na técnica e prática analítica. Ele menciona que a relação na clínica deve ser de uma ressonância empática entre o *self* do paciente e a função de *self-objeto* do analista. Isto indica no analisando sentir-se compreendido pelo analista e – ao mesmo tempo – manifestar a compreensão

(ZIMERMAN, 2008, p. 119-120). Pode-se afirmar, após indagar brevemente sobre a empatia no ambiente analítico, que o resultado da prática desta palavra num ritmo prudente e equilibrado ajuda na escuta, criando relação entre o analista e o analisado. Levando essa experiência ao contexto eclesial, a empatia nas relações com o outro pode criar no ambiente religioso espaços de mais tolerância, compreensão e participação.

Ao retomar ao segundo componente da escuta analítica, enfatiza-se a escuta das narrativas do analisante, a maneira pela qual o analista interpreta a escuta. O primeiro ponto deste componente destaca que não basta uma interpretação correta do analisante, é necessário que a escuta do analista seja eficaz, isto é, interpretar como o analisado interpreta, escutar como o paciente escuta aquilo que se lhe apresenta. O segundo ponto desafia o analista na escuta do silêncio do paciente, dado que ele possui toda uma linguagem própria com muitos significados. A respeito do silêncio, Zimerman menciona a metáfora de Bion, que ressalta o elemento da música: notas-intervalos-notas, a ausência de som proporciona na música mais vigor e expressividade que a própria nota por si só. O terceiro ponto mostra dois aspectos interessantes da escuta das narrativas do paciente por parte do analista: o terceiro ouvido – assim como foi apresentado por Reick – que consiste na escuta baseada na intuição e a capacidade do terapeuta para escutar simultaneamente os diferentes níveis sógnicos e simbólicos contidos e transferidos pelo paciente num mesmo momento (ZIMERMAN, 2008, p. 126).

A expressão terceiro ouvido chama a atenção ao conduzir diretamente a escuta ao termo intuição. Zimerman, para definir esta palavra, retoma o pensamento de Bion, afirmando que ele deu significação psicanalítica à palavra intuição, definindo-a como a capacidade do analista de entrar num profundo estado de sintonia com o paciente. Aprofundando mais a etimologia de intuição encontra-se que está composta por dois termos latinos: *in* – dentro de – e *tuere* – olhar; significando a capacidade do psicanalista de olhar para dentro, por isso, deu-se a expressão *terceiro olho* que permite enxergar além dos sentidos (ZIMERMAN, 2008, p. 224). Posto isso, é interessante afirmar que no contexto atual este pensador desafia as pessoas na escuta ao ressaltar a importância e a complexidade dela. Escutar é relação, aproximação, percepção, conexão, olhar para dentro, usar todos os sentidos e o coração, dedicar tempo e esforço para o outro. Como disse o Papa Francisco na sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, quando menciona a parábola do bom samaritano, oferecer para o outro o tempo, movido pela compaixão, deixando tudo de lado diante do ferido é o mais valioso que se pode oferecer ao próximo, “sobretudo, deu-lhe algo que, neste mundo apressado, regateamos tanto: deu-lhe o seu tempo” (FT, n. 63). Escutar o próximo é dar o tempo para ele, deixando na escuta que o outro se expresse ‘sendo’. Não em vão a Campanha da fraternidade de 2022 coloca como primeiro elemento necessário para educar na arte da fraternidade o verbo escutar.

Como último ponto pretende-se destacar neste primeiro item a importância de um elemento que não pode ser esquecido na arte da escuta: a confidencialidade. Fomentar a cultura da escuta precisa desenvolver a maturidade no discernimento das informações, não tudo o que se escuta se pode divulgar. A comunidade cristã que segue o Mestre no momento da escuta acolhe o próximo com as suas alegrias e tristezas, virtudes e defeitos, realizações e

sofrimentos, em síntese, acolhe a pessoa inteira. Por essa razão, a confiança na escuta proporciona respeito à pessoa que fala. O que o outro expressa é sagrado, “um dom importante na comunidade é o da escuta. Para poder escutar é preciso inspirar segurança. Uma pessoa só se abre a alguém quando tem a certeza de que quem a escuta respeita o segredo. A ‘confidência’ é um dos aspectos essenciais da escuta: saber respeitar as fraquezas, os sofrimentos” (VANIER, 1982, p. 213).

2 A PROPOSTA DE IGREJA SEGUNDO FRANCISCO E A ESCUTA COMO INSTRUMENTO DE DIÁLOGO

Dentro do contexto eclesial, a escuta é um elemento essencial para a espiritualidade cristã. Os discípulos missionários sabem escutar a voz de Deus, conseguem discernir por meio dela os sinais dos tempos, respeitam a dignidade humana através da escuta ao perceber que o homem e a mulher são imagem de Deus, valorizam a cultura escutando-a ao ser memória e identidade de um povo e – sobretudo – são capazes de escutar a voz dos que gritam nas periferias geográficas e existenciais da vida. Posto isso, pode-se afirmar que o modo de ser da Igreja é a escuta ao ser na maneira de manifestar em palavras e gestos a missão de Jesus Cristo. Não obstante, é necessário ressaltar que a escuta na dinâmica eclesial possui uma finalidade. Não se escuta como fim em si mesmo, mas como meio para chegar a um projeto maior: o Reino de Deus. Através da escuta, obtêm-se elementos práticos e pedagógicos para edificar uma sociedade com capacidade de diálogo, respeito, tolerância, rumo à edificação da paz social. Escutar abre caminho para a participação na sociedade; todas as pessoas, grupos e nações dispõem de ferramentas para contribuir numa sociedade pacífica. Em palavras mais concretas e diretas, para que escutar na Igreja? Para criar uma realidade poliédrica.

Aqui o modelo não é a esfera, pois não é superior às partes e, nela, cada ponto é equidistante do centro, não havendo diferenças entre um ponto e o outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades [...]. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos (EG, n. 236).

O Papa Francisco, na sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, ressalta a imagem do poliedro como modelo a ser seguido na Igreja. Essa figura pode ser formada por meio da escuta. Nela nenhuma fala é mais que a outra, ao serem todas importantes no poliedro. Se a escuta fosse dentro da dinâmica da figura esférica, existiria distinção hierárquica entre as diversas falas, predominando uma sobre a outra e – ao mesmo tempo – aconteceria distanciamento entre elas com relação ao centro da esfera. O característico do poliedro é a permanência da fala escutada. Neste modelo, se mantém a originalidade. A sua beleza expressa-se

na própria particularidade dos membros sem perder a dimensão universal, a totalidade das falas. É necessário sublinhar dois pontos ao formar esta imagem, o poliedro não representa a soma de muitas falas e não consiste numa escuta sem uma finalidade em comum. Todas as partes da imagem que participam – sendo escutadas – buscam o bem comum, ou seja, olham o todo da realidade num mesmo objetivo, “o todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas” (EG, n. 235).

Formar uma realidade poliédrica como fruto da dinâmica da escuta provoca necessariamente conflito ao implicar encontro, o poliedro é a combinação de muitas partes diferentes que não se limitam nas particularidades ao conduzir as partes na concepção de casa comum, que se pode chamar comunidade global. Essa ideia transforma as relações por meio da capacidade do sentido de unidade numa missão. O Papa Francisco, na sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, apresenta este pensamento na ideia de consciência comunitária, pessoas que se encontram no mesmo barco navegando, “a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, em que o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, de que só é possível salvar-nos juntos” (FT, n. 32). O pensamento do Sumo Pontífice, ao colocar na consciência a expressão “ninguém se salva sozinho”, pretende ressaltar a participação de todos os membros que navegam no mesmo barco. Não existem mudanças verdadeiras na sociedade sem o compromisso comunitário. Mas, é preciso ressaltar que encontrar-se numa mesma barca ou num mesmo poliedro provoca conflitos nos membros.

O conflito, ao estar presente nas relações com o diferente, provoca e desinstala. Essa realidade não pode ser ignorada, em vista que, onde acontece encontro, o conflito estará. O Papa Francisco, ao ressaltar insistentemente uma Igreja em saída, indo para o encontro do outro na busca daqueles que se encontram nas periferias geográficas e existências, está ciente dessa realidade. Por isso, menciona na sua Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, que o conflito, “não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceito. Mas, se ficamos encurralados nele, perdemos a perspectiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada. Quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade” (EG, n. 226). Ante o conflito ou confronto, o ser humano pode agir de três maneiras: ignorando, afogando-se nele ou superando-o. Esta terceira maneira de agir é a mais adequada segundo o Sumo Pontífice, “mas há uma terceira forma, a mais adequada, de enfrentar o conflito: é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo” (EG, n. 227).

Formar o poliedro ou navegar na mesma barca produz, nos membros, crescimento, as tensões provocadas no momento do encontro com o diferente ocasionam amadurecimento na comunidade. Todos os membros são chamados no ritmo da realidade poliédrica a crescerem na unidade. Quando algum membro do poliedro se recusa a crescer, ao estar inserido numa única realidade, causa mais tensões nas outras partes. Sobre essa questão destaca Vanier, “as tensões são momentos necessários no crescimento e no aprofundamento de uma comunidade. Elas nascem de conflitos pessoais, conflitos originados da recusa do crescimento

e da evolução pessoal e comunitária” (VANIER, 1982, p. 91). Sendo assim, compreende-se o pensamento do Papa Francisco ao exortar toda a Igreja a amadurecer na fé e no processo missionário, não se pode pensar em Sínodo ou em participação eclesial sem a capacidade e maturidade nas relações, é preciso buscar espaços para saber lidar com questões relacionais e com a existência dos conflitos que aparecem nas uniões. Anunciar o Reino de Deus e ser uma Igreja que escuta o grito do pobre e do excluído implica formação e preparação, educação para a fraternidade, respeitar o processo de crescimento na fé e viver o itinerário catequético. Esses elementos formativos que conduzem ao crescimento e amadurecimento são capazes de criar relação saudável na busca de uma sociedade poliédrica.

CONCLUSÃO

A escuta ajuda a criar relação na sociedade. A Igreja está chamada a escutar o grito do pobre e a responder ao clamor daqueles que se encontram nas periferias geográficas e existenciais. Mas, é preciso educar para fomentar uma cultura da escuta com toda as implicâncias que esta atividade provoca, não se pode pensar numa Igreja surda que fale de Deus, do semelhante e da realidade social sem desenvolver nem ensinar a arte da escuta. A Campanha da Fraternidade de 2022 e o Sínodo de 2023 são sinais proféticos que respondem às necessidades atuais da falta de escuta. Só é possível construir uma sociedade melhor quando se educa na fraternidade e na tolerância, elementos que a escuta proporciona. Escutar abre o caminho para ser uma Igreja Sinodal, aquela capaz de ensinar e viver a comunhão, participação e missão, como destaca Lima Santana ao mencionar o documento preparatório para o Sínodo: “o documento preparatório para o Sínodo destaca a importância dos espaços de participação quando interpela aos membros das Igrejas locais a responderem seriamente as questões sugeridas para o processo de escuta” (LIMA SANTANA, 2022, p. 114). As bases de uma Igreja Sinodal encontram-se na capacidade de escuta, no discernimento do processo de acolhida do escutado e no amadurecimento do elemento agir, resposta que se expressa na missão.

REFERÊNCIAS

- CNBB. *Campanha da Fraternidade 2022: texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- CONIC; CNBB. *Campanha da Fraternidade Ecológica 2021: texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Sergio Esteban. A figura do poliedro em tempos de crise. In *Annales FAJE*. Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, v. 6, n. 1, 2021, p. 584-592.
- LIMA SANTANA, Luciano. Caminhos para a sinodalidade eclesial. In: LOPES SANCHEZ, Wagner. *Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 109-121.
- MENEZES, Jairo de Jesus; GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Sergio Esteban. Leitura winnicottiana aplicada à vida do ministro ordenado: o estado tranquilo, o silêncio, a arte de ficar só e a ideia do superior suficientemente bom no processo de amadurecimento pessoal para a atividade missionária. In *TeoPraxis*, v.1, n.2, p. 172-186, jul./dez. 2021.
- PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

VANIER, Jean. *A comunidade, lugar do perdão e da festa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.

ZIMERMAN, David. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2008.